

O leitor de Jeanette Rozsas e a ronda dos gêneros

Fábio Lucas

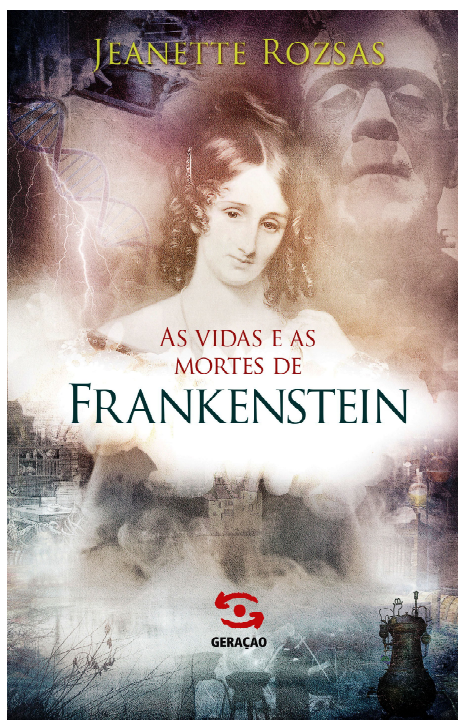
Meu propósito é traçar breve comentário à narrativa de Jeanette Rozsas *As vidas e as mortes de Frankenstein* (São Paulo: Geração Editorial, 2015). Tantas e tais novidades se somam na construção do enredo, que me aventuro a adiantar juízo crítico de louvor e aplausos à arquitetura discursiva do texto e do contexto em que a obra se concretizou. O livro, em si, é uma peça de raro acabamento. Informa e distrai; portanto, tem tudo para agradar e envolver o leitor. O desafio que a autora propôs a si mesma concretizou-se plenamente, fulcro que é de duas distintas propriedades: inspiração e aguda noção da arte da ficção.

Assim, a meu ver, Jeanette associou à vocação inata o preparo para entregar-se ao relato escrito. Isto é: somou à intuição o conhecimento, ou seja, a racionalidade adquirida.

Sua biobibliografia fala por si: tentou, certa vez, desvendar os mistérios da vida e da obra de Franz Kafka. Percorreu os caminhos que o estupendo escritor teria palmilhado. Jogou luzes sobre Max Brod, o amigo que salvou os trabalhos que o genial homem de letras, em momento de decepção e desespero, tentou destruir. O mundo da Literatura pôde desfrutar para sempre de textos de Kafka, palavra que em tcheco significa “corvo”. Título da obra de Jeanette Rozsas: *Kafka e a marca do corvo* (São Paulo: Geração Editorial, 2009).

Ato seguinte, Jeanette Rozsas incumbiu-se de trazer-nos a trajetória vivencial e intelectual de um dos escritores mais influentes na área da transgressão e modernização da herança da narrativa literária: Edgar Allan Poe. Ensaísta, poeta e contista, abriu horizontes para os simbolistas franceses, notadamente Baudelaire, cujas *Flores do Mal* indicaram novos rumos para a poesia do Ocidente, urbanizando os conteúdos e, conseqüentemente, os modos indiretos, as formas. Título da ficção premiada de Jeanette Rozsas: *Edgar Allan Poe – o mago do terror* (São Paulo: Melhoramentos, 2012).

Temos, então, *As vidas e as mortes de Frankenstein*. O plural é importante. Sabemos que, com as epopéias e as tragédias, ingres-



sou na Literatura o relato biográfico de heróis que simbolizam exemplos e grandezas consagradas para uso do grupo dominante, detentor do poder. Homero e Ésquilo traziam ao relato as determinações do poder externo, transcendente, implacável. As tensões relacionais apontavam para o poder formidável do Destino. Já Sófocles sutilmente insere, através do Coro, questionamentos que implicam dúvida e incerteza. A subjetividade alcança a Poesia e a Lei. Novas tensões penetram em gêneros como a Comédia, espaço para a Sátira: A Teologia do Olímpo operava com deuses plurais.

O Medievo, a poder do Monoteísmo violento, vigilante, de olhos vigilantes, engendrou a imagem do Santo, herói místico, resistente às agruras e tropeços da vida. Seguiu-se, historicamente, o primado da razão e da Ciência. A Revolução Francesa e o Enciclopedismo Iluminista motivaram a imaginação livre, criadora de sonhos, hipóteses, delírios e alucinações fantasmagóricas. De-

se envolveu-se a Alquimia e com ela, a fantástica busca da ressurreição após a falência dos sentidos. Ou seja, no denso combate entre a Vida e a Morte, a Ciência descobriria os procedimentos para decretar o domínio da vida, ou das vidas, para adotarmos o seccionamento do processo vital. Quem se detiver, inicialmente, no Sumário e nas apresentações de *As vidas e as mortes de Frankenstein*, terá os informes destinados aos primeiros contactos.

Para deleite e proveito do leitor, este embarcará num enorme campo de assuntos, numa realização gráfica que inclui múltiplos instrumentos contemporâneos de comunicação: e-mails, pontuações, abreviaturas e outros sinais da linguagem eletrônica.

A obra é uma e única. Abrange épocas diferentes. Pratica a urdidura diacrônica com eventuais bosquejos sincrônicos. Para sustentar o teor de verdade de cada situação, a autora empreendeu viagens de levantamento do contexto de cada circunstância. Deste modo, o mundo inventado, de cunho dramático, confina com as aparências do universo historiográfico. Daí os registros da bibliografia em anexo, para dar confiabilidade à grande reportagem científica de que o romance se torna portador. Juntamente com a autora do romance o leitor “viaja” pelos locais em que vivem ou viveram os protagonistas, num ziguezague encantador. As abas do livro, as informações críticas de Nelson de Oliveira, o projeto gráfico a que se entregou a encarregada do aparato editorial, Fernanda Emediato, e um abrangente número de cientistas, inventores, criadores de personagens, tudo isso nos ajuda neste voo que constitui a empolgante leitura do livro de Jeanette, que nos põe diante de Mary e Shelley, Byron, Poly Dolly, William Goldwin, Fanny (irmã de Mary), Harriet (ligada um tempo a Shelley) e do “monstro, coisa, animal, diabo e vil inseto” Frankenstein, que “se tornou eterno, não morreu”. Em síntese, Jeanette Rozsas, com o romance cheio de suspense e terror, propôs, com acerto, provar que a Arte supera a Ciência na busca da imortalidade.

Fábio Lucas é crítico, ensaísta, ficcionista e autor de *Novas Mineirinhas (recaída)*, obra a sair em breve.

A Vida escorregou pelas mãos

Rosani Abou Adal

Estamos em luto pelo povo de Mariana (MG) e pelas crianças que estão morrendo no Brasil, na Síria e no mundo. Todos sofrem com o terrorismo consequente dos bombardeios de lamas e armas, fruto da ganância dos homens pelo poder.

O mar de lama de minérios e de mísseis assola nosso Planeta. Matou seres inocentes, roubou suas vidas, casas, habitat, família, seus filhos, animais, sua flora e fauna, suas águas, terras, rios e mares.

O rompimento da barragem da mineradora Samarco destruiu o Rio Doce e sua lama deixou rastros em todos os lugares por onde passou e por onde seguirá.

A Samarco, fundada em 1977, com sede em Belo Horizonte (MG), é controlada pela Vale S.A. (50% das ações) e pela anglo-australiana BHP Billiton (50% das ações).

A Vale SA - antiga companhia Vale do Rio Doce - foi privatizada em 6 de maio de 1997, no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, com o controle das ações preferenciais aos acionistas privados e permitiu o financiamento subsidiado, aos compradores, pelo BNDES.

A Vale também doou recursos, nas últimas eleições, para a campanha de seis candidatos à Presidência da República.

As atividades da Samarco foram embargadas, em 9 de novembro, pelo Governo do Estado de Minas Gerais que, também, decretou estado de emergência nos municípios da região da bacia do Rio Doce. Mais três barragens correm perigo de romper. Vamos Rezar para que permaneçam em silêncio.

A vida animal e vegetal em extinção e a mídia impondo cultura inútil para manipular e narcotizar a opinião pública.

Quantos milhões e bilhões serão necessários para reconstruir a Terra? Resposta: Nenhum, porque não poderá ser reconstruída. A vida é uma só e não é possível se fabricar outra como fazem numa metalúrgica uma arma, um automóvel, um aparelho eletrônico, etc.

O Rio Doce está morto e todos os seres que lá viviam também morreram.

A vida escorregou pelas mãos, como o vento, num sopro, e açoitou a morte.

Um minuto de silêncio pelas nossas crianças que morreram e que morrerão sem ver o Rio Doce.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

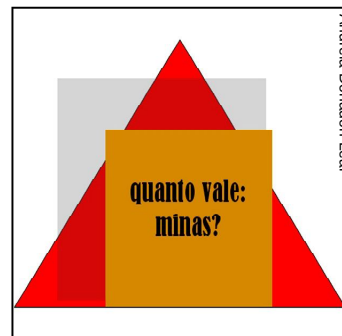


divulgação

Quanto vale: Minas?

Andreia Donadon Leal

Quanto vale: sobrecarga de rejeitos? Quanto vale: ruptura de barragens? Quanto vale: tsunami de lama tóxica? Quanto vale: desespero? Quanto vale: terror? Quanto vale: vale de dores? Quanto vale: vale verde? Quanto vale: mal súbito? Quanto vale: centena de casas destruídas? Quanto vale: punhado de feridos? Quanto vale: ser terrestre? Quanto vale: ser aquático? Quanto vale: centena de desabrigados? Quanto vale: número de desaparecidos? Quanto vale: enxurrada de lágrimas laboriosas? Quanto vale: cachoeira de lágrimas dolorosas? Quanto vale: penhasco? Quanto vale: árvore? Quanto vale: nascente? Quanto vale: flor? Quanto vale: fruto? Quanto vale: animal? Quanto vale: plantação? Quanto vale: atividade pesqueira? Quanto vale: água? Quanto vale: rio? Quanto vale: crise hídrica? Quanto vale: impacto socioambiental? Quanto vale: abalo sísmico? Quanto vale: abalo cínico? Quanto vale: desculpa esfarrapada? Quanto vale: desamor ao próximo? Quanto vale: mutirão solidário? Quanto vale: ação humanitária? Quanto vale: enxurrada noticiosa? Quanto vale: pânico? Quanto vale: união de mãos? Quanto vale: espírito de salvadores? Quanto vale: coragem da população? Quanto vale: povo unido? Quanto vale: tristeza compartilhada? Quanto vale: vale de deprimidos? Quanto vale: minério de ferro? Quanto vale: matéria tóxica? Quanto vale: matéria plástica? Quanto vale: metal pesado? Quanto vale: aviso sonoro de evacuação? Quanto vale: estratégia de salvamento? Quanto vale: popu-



Andreia Donadon Leal

lação? Quanto vale: dependência? Quanto vale: negligência? Quanto vale: omissão? Quanto vale: troca de favores? Quanto vale: fazer vista grossa? Quanto vale: enlamear a paisagem? Quanto vale: fingir fiscalização? Quanto vale: novo imposto? Quanto vale: alimentar máquinas administradoras? Quanto vale: sangrar a terra? Quanto vale: tirar o couro dos trabalhadores? Quanto vale: suor alheio? Quanto vale: memória destruída? Quanto vale: patrimônio? Quanto vale: sumir do mapa? Quanto vale: mudar histórias? Quanto vale: licença vencida? Quanto vale: interesse por lucros? Quanto vale: prazo esgotado? Quanto vale: a Deus dará? Quanto vale: mudar de vida? Quanto vale: enganação? Quanto vale: submissão? Quanto vale: brecha na licença ambiental? Quanto vale: leniência na legislação? Quanto vale valer à pena? Quanto vale: comer dinheiro? Quanto vale, MINAS? Quanto vale isto tudo? 250 milhões?

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora, artista plástica e Mestre em Literatura pela UFV. Reside em Mariana (MG).

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 70,00
semestral: R\$ 35,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

LIVRO IMPRESSO E DIGITAL (E outras reflexões)

Emanuel Medeiros Vieira

Há cinco anos – lembra Alexandra Alter, do “New York Times” –, o mundo dos livros foi tomado por um pânico coletivo quanto ao futuro incerto da impressão.

Leitores migravam para novos equipamentos digitais e as vendas dos livros eletrônicos disparavam, até 1.620 por cento entre 2008 e 2010, “alarmando os livreiros que viam os consumidores usarem suas lojas para encontrar títulos que comprariam on-line”.

“Os ex-books eram um foguete em disparada”, disse Len Vlahos, ex-diretor executivo do Grupo de Estudos da Indústria de Livros.

Resumindo: o apocalipse digital não aconteceu.

Em 2015, as vendas digitais desaceleraram acentuadamente.

Segundo Alexandra Alter, há sinais de que alguns adeptos dos livros eletrônicos estão voltando para os impressos.

As vendas de e-books caíram 10 por cento nos primeiros cinco meses deste ano, segundo a Associação de Editores Americanos, que coleta dados de quase 1.200 editoras..

“A queda da popularidade dos e-books pode indicar que o setor editorial, embora não seja imune à revolução tecnológica, suportará o muremoto digital melhor que outras formas de mídia, como a música e a televisão”.

Eu sei, eu sou absolutamente suspeito. SÓ LEIO LIVROS IMPRESSOS.

Não consigo imaginar alguém lendo “Guerra e Paz”, de Tolstoi (e muitos outros livros), via e-book.

Nostalgia? Pode ser.

Pode ser mais, como a lembrança dos sebos, de tocar nos livros, de folhear, de anotar (como

sempre faço – só leio com duas canetas) Sim, o cheiro, a lombada. Alguns dirão que é um lugar-comum, que é mania ou falta de adaptação aos tempos novos – pode ser.

Mas lembro-me que as pessoas falavam da morte do livro físico. O velório já estaria avançado.

Alguns executivos de editoras – lembra a jornalista –AFIRMAM QUE O MUNDO MUDA DEPRESSA DE-MAIS PARA SE AFIRMAR QUE A ONDA DIGITAL ESTÁ PERDENDO FORÇA.

Uma nova geração poderá achar que o livro impresso morreu. Pode ser. Quem sabe.

João Ubaldo Ribeiro dizia que o bom do futuro é que ele não estaria mais aqui (ele, João Ubaldo)..

Como disse alguém, é tão importante a literatura na sociedade que quanto “mais frágil ela for”, o povo estará em vias de perder o rumo de sua identidade e de seu país.

“A literatura é a expressão mais completa do homem, como ente que pensa e sente”, afirmou Cyro de Mattos.

Como salientou Jaime Pinsky, “com os papéis e pergaminhos, inicialmente, e mais tarde com o papel, (...)”, a cultura, no sentido de patrimônio acumulado, passou a alcançar um

número cada vez maior de pessoas, democratizando o saber e dando oportunidades a uma parcela importante da população. Sem a palavra escrita, em geral, e sem o livro, em particular, a história não teria sido a mesma.

Como observa o historiador citado, “jogamos no lixo milhares de anos de avanço civilizatório e nos transformamos em meros consumidores de softwares”.

Seria preciso um novo Renascimento: da esperança, de utopia, através da resistência da cultura contra a barbárie.

Emanuel Medeiros Vieira é poeta, escritor, crítico, jornalista e membro da Associação Nacional de Escritores - ANE.



Xavier

A Alma pulsante de uma cidade

Caio Porfírio Carneiro

O que afirmei, quando publiquei trabalho sobre o *Grupo Escolar “Coronel Vaz”* (*Lembranças, memórias e fatos*), reafirmo em doses multiplicadas: Jaboticabal adverte e dá exemplo ao País inteiro. Nunca li ou soube de um levantamento histórico detalhado

como este, que traz a relevo, em fascículos excelentes, das raízes aos nossos dias, a alma vívida e pulsante do município e da cidade. Os autores de cada um deles dão vida quase cinematográfica aos residentes, imigrantes e personalidades que fizeram sua história, praticamente arrastando o leitor para dentro da caminhada do município, do passado nascente aos tempos atuais. E mais: levantamento liberto de didatismo redundante, pleno de fotos praticamente tridimensionadas. A vida dos maiores da terra ombréia-se ao do pobre Campos Sales, “um preto curvo e centenário”, sem ninguém na vida. A história da família Bellodi, escrita por Zina C. Bellodi, para citar apenas esta, que todos os autores são excelentes, dá, como todos dão, ao conjunto dos textos uma verdade palpante e cabal: eis a alma humaníssima e latente de Jaboticabal.

Se cada município contasse, sem falsos elogios, e apenas descortinasse, como aqui, mostrando como nasceu e chegou até agora, teríamos, em verdade, o verdadeiro caminho palmilhado,

dos primórdios aos nossos dias, a alma, com suas múltiplas vertentes, de todo o País.

Estes textos fasciculados, reunidos em livro, que recebi de Zina Bellodi, são para serem lidos e sentidos, eis que pulsam no coração de qualquer leitor. Todos os municípios do País inteiro têm e tiveram suas dores e alegrias, desde o nascimento de cada um.

O exemplo de Jaboticabal é uma bandeira tremulante, sinalizando o caminho aos demais municípios do Estado e do País. Quase uma prece para que, unidos, tragam ao vivo a verdadeira alma nacional.

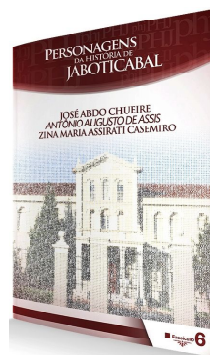
De minha parte, vi-me em Jaboticabal, vendo, ouvindo e sentindo a alma dos seus habitantes, dos idos aos vivos, que continuam

amando e lutando pelo seu progresso, ao lado de Campos Sales, sozinho e perenizado em Jaboticabal.

Estes belos trabalhos fasciculados ombréiam-se às grandes obras de ficção, pelo valor literário e artístico. Com uma diferença apenas: aqui temos só *verdades verdadeiras*.

Leiam e comprovem o valor dos textos que receberam o título geral de *Personalidades da História de Jaboticabal*.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.



LIVRARIA BRANDÃO



Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

UNANIMIDADES

Raymundo Farias de Oliveira

Depois de atravessar o mar vermelho naquelas condições espetaculares, conduzindo seu povo, Moisés foi ao Monte Sinai receber os “dez mandamentos” de Deus.

Demorou um pouco para voltar.

Foi o suficiente para que o povo, que o tinha como líder, começasse a reclamar. Perdeu a unanimidade de que desfrutava. Descontentamento geral. Sentiram até saudade da escravidão vivida no Egito. Lá, havia comida. E já não se falava mais na Terra Prometida.

Quando ele voltou com os mandamentos divinos, viu, estupefato, outra divindade cultuada por seus seguidores.

O bezerro de ouro!

Nos dias terríveis daquela páscoa longínqua, comemorada lá em Jerusalém, o procurador romano Pôncio Pilatos viveu seu dilema

assombroso. O sonho de sua mulher agravou ainda mais seu drama de consciência.

Não encontrou culpa alguma em Jesus, filho do carpinteiro lá de Nazaré. Mas o povo, em sua unanimidade, urrava, em frente ao palácio, suplicando a crucificação de Jesus e a libertação de Barrabás – criminoso confesso!

Hitler, Mussolini, Stalin e outros menos notáveis, também foram ovacionados por multidões. Foram unanimidades por algum tempo.

Com tantas unanimidades ainda vigentes, eu sinto um certo espanto e me lembro de Nelson Rodrigues. “Toda unanimidade é burra.”

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, advogado e procurador do Estado aposentado.

Doação de Livros para as Crianças de Mariana

O Projeto Poesia Viva - a poesia bate à sua porta, coordenado por Andreia Donadon Leal, está pedindo doações de livros de literatura infantojuvenil para ocupar as crianças, desabrigadas com o rompimento da barreira em Bento Rodrigues no município de Mariana (MG), com leitura. As obras também serão utilizadas para a criação de pequenas bibliotecas na escola que receberá essas crianças.

A Cruz Vermelha MG vem, com o trabalho humanitário, oferecendo aos desabrigados o conforto de que tanto necessitam. Através do **Poesia Viva**, levará livros para que as crianças de Mariana possam ter seus dias ocupados com leitura.

Endereço para envio: Casa do Poesia Viva - Rua Dom Frei José da Santíssima Trindade, nº 22. Bairro: São José - Mariana - MG - Cep: 35.420.000.

<https://www.facebook.com/projetopoesiaviva?ref=ts&fref=ts>

A Truculenta Consciência das Coisas

W. J. Solha

É difícil ler um autor mineiro – Hilda Mendonça, no livro com o título forte- “A Truculenta Consciência das Coisas”, - contos (Da Scortecci Editora, segunda edição), e não pensar em seus grandes conterrâneos Guimarães Rosa, Ivo Barroso, Hugo Almeida, Affonso Romano de Sant’Anna, Carlos Drummond de Andrade, Drummond Amorim, só para citar alguns.

Originária de Alpinópolis, começa - dizendo - sobre a cidade ou povoado, berço de seus personagens “O lugar onde ficava não se tem certeza. não se tem certeza bem mesmo, se ficava em algum lugar. O tempo, este é difícil precisar. Mas que existiu, lá isso existiu, como existiu a minha rua de lama vermelha... chamada piçarra.. onde eu via chegar do seu cavalo, bombacha, a cavalo, um dos meus únicos vizinhos.

Em que época, isso? Uma, em que assistia – meio enfeitado, como os personagens de “Chicão, o Sacrílego” - à lenta ladainha em Latim que minha mãe participava;

MATER CASTÍSSIMA, ora pro nobis, MATER INVIOLATA, ora pro nobis .. MATER INTEMERATA, ora pro nobis ...

Nossa autora diz que para sua desgastada lembrança, “Ora Pro Nobis traz sensações tão familiares, tipo doce de cidra, biscoito de polvilho assado em forno varrido com alecrim, bolo de fubá, primeiras emoções, primeira paixão, primeiro suspiro. “Coisa difícil” para esta geração computadorizada, televisiva, grafiteira, Punk, internauta e outros bichos mais.”. Acho que não.

A cozinha mineira! Em “Viagem ao Centro de Mim”, o cardápio se amplia, e temos biscoitos de polvilho, rosquinhas, broinha de amendoim, quitandas que mãe...” etc, etc, ..

Até a minha paixão por Shakespeare Hilda Mendonça me leva em “O Benzedor de Chuva”,



conto (Excepcionalmente fantástico, no conjunto) em que o velho Januário tem muito do mago próspero de “A Tempestade”, como Lear em seu diálogo louco junto aos raios e trovões (thunders and lighthings).

Mas por que “A Truculenta consciência das coisas? Acho que isso fica bem claro no conto “El Dorado”, em que ela conta como viveu e trabalhou durante anos em - Brasília - com a solidão de sua esplanada, a tristeza de seus ministérios, a roubalheira de seus políticos-até que , alforriada pela aposentadoria, em 2000, voltou pra sua velha Minas, com o mesmo desespero com que às vésperas do natal de não me lembro que ano, tentei, - lá mesmo - comprar alguma passagem de avião pra João Pessoa, e, sem conseguir, me mandei pra rodoviária, em que, sem mais bilhetes sequer pro Recife, acabei comprando uma pra Caruaru (“De lá eu tomo um táxi e me mando “pra casa”) a fim de tornar concreto meu pedido de desligamento imediato da Diretoria Geral do Banco do Brasil - , leia-se de Brasília.

Talvez eu tenha me identificado mais com esse livro de Hilda Mendonça, porque também me levou a uma breve e gostosa “Viagem ao Centro de Mim”.

W. J. Solha - Waldemar José Solha - é escritor, poeta, ator, cineasta, teatrólogo, cordelista e artista plástico. Foi laureado com o Prêmio Fernando Chinaglia, entre outros importantes prêmios.

TERCEIRA DIMENSÃO

Rosani Abou Adal

A cidade nua, sem vestes e sem verde.
São Paulo dorme acompanhada da solidão.
Nada de peixes nos leitos dos rios,
nem flores e frutos nas árvores de cimento.
O amor se fragiliza e se recompõe
entre as vigas de concreto e o calor humano.
Uma cidade dividida entre a riqueza
e a pobreza periférica.
Caviar e champagne nas mesas da zona sul
e os farelos nos pratos da periferia.
Colmeias nos prédios, casas,
casebres e em baixo das pontes.
A vida em contraste se anula
diante do silêncio dos homens.
Nos jardins as mansões escondem a hipocrisia.
No centro a fome planta sementes nas
calçadas.
Na Praça da Sé a Catedral pede clemência
aos homens de boa vontade
e ninguém lhe dá ouvidos.
Um garoto de olhar triste implora
para comprarem lixa de unhas,
sabe se não vender apanhará
sem piedade ao chegar em casa.
Nas escadarias do metrô um homem
a vender dois isqueiros, oito pilhas,
duas colas ao preço de um real.
Um gato faminto come e devora
a pomba que morreu atropelada.
Na outra esquina um menino pede
um prato de comida para saciar a fome.
No calçadão um senhor grita: "Pega ladrão!"
e ninguém para ajudá-lo.
O policial vem socorrê-lo e não alcança
o assaltante que se perde
entre o mar de camelôs e a população.
Observo a cidade em terceira dimensão
e vejo que São Paulo ainda é
o melhor lugar para se viver.
Na frieza dos concretos as flores humanas
plantam sementes de amor
em nome da Vida.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e
Vice-Presidente do Sindicato dos
Escritores no Estado de São Paulo.

HARMADIK DIMENZIÓ

Tradução para o húngaro por Lívia Paulini

Meztelen a város, dísztelen, növénytelen
Alsziik São Paulo egyedüllétével.
Halak nélkül a folyók
virágok és gyümölcs sincs a cementfákon.
A szeretet legyengül és újjárendül
a cementoszlopok és emberi érzés között.
Egy város kettészelve a bőség
és szegénység árnyaiban.
Kaviar és bor a déli részi asztalokon
és maradék a városszéli tálakban.
Tömeghelye az épületek, házak,
kunyhók és hidalati helyek.
Az élet megszűnik az ellentétekben
az emberi szó hiányában.
A gazdag lakóházakban hamisság rejlik
A centrumban az éhség termékenyíti az utcákat.
A Katedrális a Praça da Sé terén kegyelemért
esd
a jóindulatu emberekhez szól
senki sem hederit rá.
Egy fiúcska szomorú szemekkel könyörögve szól
hogy vegyék meg körömrészelőjét,
tudja jól, ha el nem adja, bűnhődik érte
hazatérve, könyörtelenségre.
A földalattin egy ember
öngyújtókat és elemeket árul
kettőt egy reálért.
Egy éhező macska rágya, emészti
az elgázolt, holt galambot.
A másik sarkon tál ételt kér
egy gyermek éhségcsillapítónak.
Férfi ordít az úttesten: "fogják el a rablót!"
de senki nem jön hozzá.
A rendőr segítőkész de nem éri el
a bűnözőt, ki elvész
a tengernyi eladó és nép közt.
Figyelem a várost, harmadik kitérjedésében
és látom, São Paulo még mindig a
legjobb hely a megélhetésre.
A cement hidegségébe az ember virágjai
termelik a szeretet magjait
az Élet értelmében.

Lívia Paulini, escritora húngara radicada em Belo Horizonte (MG), é pedagoga, artista
plástica, tradutora, fundadora e Presidente Emérita da Academia Mineira Feminina de
Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Third Dimension

Translated to English by Lívia Paulini

Undressed, the city, with no green,
São Paulo sleeps in loneliness,
with no fishes in the rivers
not even flowers and fruits on the trees of concrete.
The love is weak and reburn
between blocks of concrete and human soul.
A city divided between richness and
periferic misery.
Caviar and champagne
on the tables of the south zone
and rest of food for the poor.
Beehive in buildings, houses,
huts and under the bridges.
Life in these contrasts nullify
in front of men's silence.
In the gardens the mansions hide hypocrisy.
Downtown the hunger cultivate seeds on the
sidewalk.
At Praça da Sé, the Cathedral, asks for mercy
to men of good will
but no one to listen.
A boy of sad eyes implore
to buy nail sandpapers
knowing later at home he will be punished
if nobody bought from him.
At the subway staircase a man
selling two lighters, eight batteries,
two colas for one real.
A hungry cat eat and devoure
a dead dove that had been run down.
On the other corner a child asks
for some food to satiate his hunger.
On the pavement a man screams:
"Get the thief!" but nobody to help him.
The policeman who came to his rescue
couldn't reach the thief who escapes
in the ocean of people and street vendors.
Watching the city in three dimension
I still see São Paulo,
as the best place to live.
In the coolness of the concretes, the human flowers
cultivate seeds of love
in the name of LIFE

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

BONECAS

Raquel Naveira

Fui uma menina apaixonada por bonecas. Havia as de pano, com vestidos de chita; as de rosto de louça; a de plástico, com cachos loiros, quase do meu tamanho, um sonho. Eu cuidava bem delas, penteava, colocava nos berços e carrinhos, pois eram os filhos que já desejava ter. Também eram minhas alunas. Eu as colocava em fileiras, fazia chamada no diário de classe, escrevia com giz palavras num quadro-negro e imaginava que elas eram capazes de soletrar. Avaliava sua atenção estática como prova de percepção e inteligência.

Quando li o *Sítio do Picapau Amarelo*, identifiquei-me com a Emília, a boneca de trapo, a princípio feia e muda que, a partir do momento que ingeriu uma pílula, passou a falar pelos cotovelos. Criatura atuante e impositiva que dominou o próprio criador, Monteiro Lobato. Acompanhei toda a evolução da boneca: as mutações, as tolices, as curiosidades, o espírito de crítica. Não sei em que livro da coleção, quando lhe perguntam: “- Mas quem você é, afinal de contas, Emília?” Ela respondeu de queixinho empinado: “- Sou a Independência ou Morte.” A independência, a liberdade, a autonomia, o bem-estar, o poder de tomar as próprias decisões. Eu me achava a própria. Quanto desassombro e orgulho. Hoje, adulta e envelhecida, tornei-me pequena e dependente de algo superior que me guia. O fato é que me diverti tanto com a Emília: o casamento dela com o porco Marquês de Rabicó; as aventuras com a chave do tamanho que fazia os insetos tomarem proporções gigantescas; as aventuras com o rinoceronte Quindim; as conversas com o anjo caído do céu; as peripécias pelas terras da Grécia Antiga com figuras míticas como Hércules e o Minotauro. Cavalguei nas caudas dos cometas com minha boneca Emília.

As bonecas também podem ser assustadoras, sinistras, ameaçadoras. Na feitiçaria são usa-

das para representar pessoas trespassadas com alfinetes para causar dores e danos. Assumem a voz dos ventríloquos e os enlouquecem com sentimentos que não ousariam expressar abertamente.

Ao sul da Cidade do México, onde a morte é sempre vista numa mistura de flores e crânios, há um lugar misterioso chamado Ilha das Bonecas. No meio dos canais e dos nenúfares, uma espécie de santuário mal-assombrado tem bonecas penduradas em paredes, árvores e varais que vão se desgastando com o tempo, perdendo a beleza e a inocência e se transformando em objetos terríveis, lambuzados de sangue e poeira. Conta-se que um antigo morador da ilha ouviu falar que uma jovem havia se afogado no rio. Quando viu uma boneca flutuando, tomou isso como sinal, resgatou o brinquedo para agradar o espírito da menina. Uma boneca só não foi suficiente oferta e milhares se juntaram a ela, num cenário de filme de terror. Há choros e gritos de quem perdeu as filhas naquelas águas.

E quantas meninas, corpos de bonecas, agarradas ainda a suas bonecas, são vítimas de violência sexual, agredidas dentro de suas casas por pessoas manipuladoras, predadoras, que escolhem a vítima mais tímida, mais quieta e atacam o alvo fácil, a pombinha cálida, com suas garras de abutres abusadores.

A *Casa de Bonecas*, peça teatral do dramaturgo norueguês, Henrik Ibsen, em meados do século XIX, gerou polêmica e debates no mundo todo. O difícil tema da exclusão das mulheres. O relacionamento entre Nora e o marido Helmer parecia perfeito. Ele a chamava de “cotovia”, “esquilo”, “minha menininha”. Ela era mimada, infantil, uma criança grande, sem responsabilidade. Um dia, no intuito de agradar e ajudar financeiramente o marido, Nora envolve-se numa fraude bancária. O banqueiro a chantageia. O marido, ao descobrir, fica furioso e a julga uma pessoa sem caráter. Depois, arrependido, pede-lhe perdão. Mas a ilusão se romperá: a filha-boneca, a esposa-boneca torna-se uma mulher decepcionada. Abandona o marido e os filhos e vai embora sozinha para compreender a si e ao mundo. Declara que só voltará



divulgação

se acontecer um milagre: a transformação profunda de suas almas para uma verdadeira vida em comum. Partiu em busca da maturidade. Boneca fria.

E há homens tão solitários que se contentam com a companhia de uma boneca daquelas feitas sob encomenda para o sexo. É a história contada no intrigante filme *A Garota Ideal*, sob a direção de Craig Gillespie. Lars mora na garagem da casa de seu irmão. Não gosta de sair. Um dia avisa que trará Bianca, sua namorada, para o jantar. Explica que ela não fala inglês, que não anda, que precisa de uma cadeira de rodas. O irmão e a cunhada ficaram felizes com a notícia e arru-

mam o quarto de hóspede. Lars apaixoa-se com a namorada e descobrem que ela é uma boneca. Tudo estranho, bizarro, mas muito delicado. Delicado entender como é difícil, às vezes torturante, a sede de amar e ser amado.

Guardo minhas bonecas em prateleiras iluminadas, em baús chaveados no meu coração. Fui mãe, professora, poeta observada pelo jogo dos olhos azuis de vidro das minhas bonecas.

Raquel Naveira, escritora, poeta e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen Clube do Brasil, é Doutora em Literatura Portuguesa na USP.

CHUVA E SOL

Débora Novaes de Castro

Delícia de chuva!
Lava meu rosto
pele molhada
cabelos molhados
lava minha alma
roupa colada!

Delícia de sol!
Beija meu rosto
seca as calçadas
cabelos dourados
há canto em meu peito
alma dourada!

Fragrâncias do amor:
A prata da chuva
o ouro do sol!

In: *Sonho Azul*, 1987.

Débora Novaes de Castro, professora, escritora e artista plástica, pertence à ACL-SP, APEL-SP, UBE-SP, entre outras.

Tempo e poeta insaciáveis

Y. Fujiyama

Insaciável é o ser que define os passos da autora destes poemas que o leitor tem às mãos. Trata-se de Eunice Arruda com sua última coletânea, *Tempo comum*.

Já em sua obra de estreia, nos idos de 1960 (*É tempo de noite*), o desafio frente à vida se mostrava flagrante: "As minhas mãos pequenas / querem / o infinito".

O infinito, isto é, o universo. E a busca desse infinito prossegue viva, sem esmorecer, há mais de cinco décadas de incessante produção lírica, projetando-se, sem dúvida, como a mais poderosa presença dentro da "Geração 60", que conta entre seus pares valores como Claudio Willer, Álvaro Alves de Faria, Carlos Felipe Moisés, Roberto Piva.

Ao publicar em 2012, o conjunto de toda a sua obra poética individual (em número de 15) no volume *Poesia reunida*, pareceu-nos ter encerrado a carreira da poeta, quando então, para a surpresa de todos, lança este *Tempo comum*, onde à busca de novos rumos se junta agora a fruição da colheita. É, igualmente, síntese admirável da criação poética onde se constata que aquele "infinito" do seu livro de estreia continua vivo, patenteando-se que o desafio ali lançado não se exaure, mesmo sob a pressão implacável do TEMPO.

tempo comum
Eunice Arruda



Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294

portsonia@ig.com.br



Livros

Água da Fonte, crônicas de Fernando Jorge, Editora Novo Século, 8ª edição, 260 páginas, Osasco, SP.

O autor, jornalista, biógrafo, advogado, bibliotecário e escritor, foi agraciado com o *Prêmio Jabuti*, da Câmara Brasileira do Livro, pela obra *Cala a Boca Jornalista*; com o *Prêmio Clio*, da Academia Paulistana de História, pelo livro *Getúlio Vargas e o seu tempo*.

Segundo Calos Drummond de Andrade, *Gostei, sim, tanto do "Água da Fonte", que li em voz alta, para Maria Julieta, duas crônicas de seu livro. Você tem em mim um leitor cheio de admiração.*

Para Oscar Niemeyer, *Fernando Jorge: você, com seu políedrico talento literário, me dá a impressão de ser um arrojado arquiteto na arte de escrever, o dono de um estilo claro, moderno, envolvente, de linhas dinâmicas e alicerces à prova de terremotos.*

Novo Século: www.novoseculo.com.br



Voos da manhã, Maria de Lourdes Alba, Editora Frutos, Rio de Janeiro, RJ, 92 páginas. A capa é de Samara Tomé.

ISBN: 978-85-66036-16-9.

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

A obra reúne 62 poemas que fluem num ritmo bem marcado pelo compasso e cadência poética. Tem versão impressa e eletrônica.

A sessão de autógrafos será realizada no dia 10 de Dezembro, quinta-feira, às 19 horas, no Espaço Exposição da LIVRARIA CULTURA - BOURBON SHOPPING SÃO PAULO, Rua Palestra Itália, 500 - Piso 3 - Loja 211.

Editora Frutos: www.editorafrutos.com.br

Kyoto, romance de Kleiton Ramil, Editora InVerso, Curitiba (PR), 240 páginas.

O autor é escritor, professor e músico, que juntamente com o irmão forma a dupla Kleiton e Kledir. Mestre em composição (eletroacústica), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A narrativa conta uma história de amor, entre Murano - um brasileiro nascido na fronteira do Brasil com o Uruguai - e Naomi, a filha de um poderoso japonês.

A assessoria de imprensa é de Guilherme Loureiro.

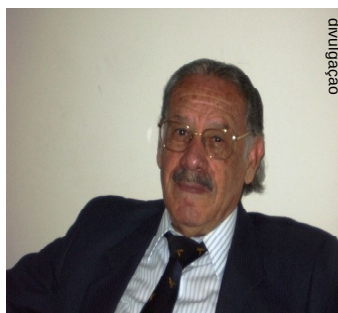
Editora InVerso:

www.editorainverso.com.br

Guilherme Loureiro:

guilhermeloureiro.imprensa@uol.com.br





Fábio Lucas

Fábio Lucas Gomes foi homenageado, na categoria Conjunto da Obra, pelo *Prêmio Governo de Minas de Literatura*, promovido pelo *Suplemento Literário*, da Imprensa Oficial de Minas Gerais, através da Secretaria Estadual de Cultura. Fábio Lucas, nascido na cidade de Esmeraldas (MG), em 1931, é escritor, crítico literário, colaborador do jornal *Linguagem Viva*, professor, advogado, Doutor e livre-docência em Economia, diretor do Instituto Nacional do Livro e membro da Academia Mineira e da Academia Paulista de Letras.

Estevão Bertoni foi laureado com o *Prêmio Governo de Minas de Literatura*, na categoria *Jovem Escritor Mineiro*; Jozias Benedito de Moraes Neto, *Conto*; e Marcus Vinícius Teixeira Quiroga Pereira, *Poesia*.

José Paulo Lanyi lançou o romance cênico *Deus me disse que não existe*, Clube de Autores, em versão e-book no site da Bertrand Livres, rede fundada em 1732, em Portugal.

Jepcaz Lee-Meddi lançou *Os Sefaradins*, pela Oitava Rima Editora. A obra reproduz o rompimento da ignorância medieval com o renascimento e enfatiza o sacrifício da comunidade dos Sapharad.

O Fantasma da Ópera, romance de Gaston Leroux, foi lançado pela Editora Landmark. A obra foi publicada originalmente, em série, na famosa revista literária *Le Galois*, entre 23 de setembro de 1909 e 8 de janeiro de 1910.

A **Biblioteca digital** do Observatório da Língua Portuguesa, especializada em livros sobre cidadania e direitos humanos, está em observalinguaportuguesa.org/bibliotecadelivrosdigitais/

Notícias

Um corpo estranho, exposição sobre Kafka para celebrar os 100 anos de publicação de *A metamorfose*, está em cartaz até o dia 29 de fevereiro de 2016, na Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, Avenida Paulista, 37 – próximo à Estação Brigadeiro do Metrô.

Paula Fábio lançou o romance *Em um dia toparei contigo*, pela Foz Editora. A autora foi laureada com o *Prêmio São Paulo de Literatura*, em 2013, com o romance *Desnordeio*.

Edital de parcerias e coedições, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional, está com inscrições abertas até o dia 11 de fevereiro de 2016. Destinado a projetos editoriais, em coedição com a Fundação Biblioteca Nacional, de relevância para a cultura brasileira, na forma de livro ou revista, impresso e/ou digital. bn.br/edital/2015/edital-chamada-publica-estabelecimento-parcerias-coedicoes

A **Fundação Biblioteca Nacional** divulgou o resultado do *Prêmio Biblioteca Nacional 2015*, categorias Poesia, Romance, Conto, Ensaio Social, Ensaio Literário, Tradução, Projeto Gráfico, Literatura Juvenil e Literatura Infantil. <http://bn.br/edital/2015/edital-publico-premios-literarios-fundacao-biblioteca>

Plínio Camillo lançou *Outras Vozes*, pela 11 Editora. A obra reúne 33 contos sobre o negro e a escravidão no Brasil. pcamillo60@uol.com.br

A **Associação Nacional de Livrarias** firmou convênio com a Prefeitura de São Paulo para distribuir vouchers, no valor de R\$ 50, a 80 mil professores da rede municipal de ensino, que poderão ser usados na compra de livros nas livrarias associadas à entidade.

A **União Internacional de Editores** promove o Fórum de Editores de Livros Didáticos, no dia 29 de novembro, durante a Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México, que será realizada de 28 de novembro a 6 de dezembro.

Maurício de Souza, criador da *Turma da Mônica* e membro da Academia Paulista de Letras, completou, no dia 27 de outubro, 80 anos.

Kleiton Ramil lançou o romance *Kyoto*, pela Editora InVerso. O autor é músico gaúcho, que juntamente com o irmão forma a dupla Kleiton e Kledir.

Raul Marino Junior tomou posse, no dia 29 de outubro, para ocupar a Cadeira de nº 1 da Academia Paulista de Letras. A sessão foi presidida pelo Secretário Geral Antônio Penteado Mendonça. O discurso de recepção foi proferido pelo Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo José Renato Nalini. Raul Cutait realizou a leitura dos termos de posse e assinatura do empossado no livro de registro. Rodolfo Marino, filho do novo acadêmico, entregou o Diploma de membro efetivo e o colar de mérito.

Audálio Alves Gomes, contista, cronista e poeta, faleceu em 20 de junho de 2014, no Rio de Janeiro. Membro do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro, da Academia Cearense de Ciências, entre outras entidades. Foi agraciado pelo Lions Clube com o *Prêmio Lions de Cultura, Prêmio Lions de Comunicação – Ano 2000 (Medalha Don Helder Câmara)* e com Moção de Congratulação pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro e pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. É um dos fundadores da Casa do Poeta do Rio de Janeiro. Autor de *Homem ao Mar* (contos e poesias), *Recreio de Poesias* (poesia), *No Embalo da Maré* (contos e crônicas) e outras obras.



Moacir Japiassu

Moacir Japiassu, escritor e jornalista, faleceu em 4 de novembro, em Cunha (SP), em decorrência de um acidente vascular cerebral. Nasceu a 4 de julho de 1942 em João Pessoa (PB). Autor de *Concerto Para Paixão e Desatino* (romance), *Quando Alegre Partiste* (romance), *Carta a uma paixão definitiva* (crônicas), entre outras importantes obras. Trabalhou no *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, revistas *Veja* e *Isto É*. Criou os prêmios *Líbbero Badaró* e *Claudio Abramo*.

Tércia Montenegro, escritora e professora do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, foi agraciada com o *Prêmio Literário Biblioteca Nacional*, na categoria Romance, com o livro *Turismo para Cegos*.

Valdemar Alves foi laureado com a Comenda da Ordem Internacional, na Ilha da Madeira, em Portugal, da Real Academia de Letras de Porto Alegre (RS), através do seu embaixador no Brasil Prof. Mário Pacheco Scherer.

Lázaro Ramos lançou *Caderno de rimas do João*, com ilustrações de Mauricio Negro, pela Pallas Editora.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

